REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 33 No. 3 Setembro – Dezembro 2020
Edição Especial: Gestão de Acervos Arqueológicos

ARTIGO

DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA A GESTÃO DE COLEÇÕES DE REMANESCENTES HUMANOS NA AMAZÔNIA

Rafael Amaral Stabile*, Anne Rapp Py-Daniel**, Aline Dos Santos Coutinho***,
Lúcio Flávio Costa Leite****, Daiane Pereira*****

RESUMO

Neste texto destacamos a situação das coleções formadas por remanescentes de corpos humanos recuperados de contextos arqueológicos na Amazônia. Os desafios de conservação e acondicionamento desses acervos se relacionam tanto a fatores técnicos quanto a prática arqueológica em si. Através do histórico de pesquisa dos remanescentes humanos do sítio Curiaú Mirim – I, AP, desde sua escavação até a recente revisão dos processos curatoriais, desejamos observar problemas comuns a instituições e coleções na Amazônia. As soluções e reflexões apresentadas, embora não esgotem o problema, apontam para a importância dos processos curatoriais para a gestão desses acervos. Ademais, debatemos a necessidade de profissionais especializados, de abordagens mais éticas sobre materiais sensíveis e de fortalecimento das redes de colaboração entre pessoas e instituições.

Palavras-chave: coleções arqueológicas funerárias; curadoria; arqueologia do Amapá.

* Pesquisador do Núcleo de Pesquisa Arqueológica (NuPARq) do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA). Doutorando do Programa de Pós Graduação em Arqueologia (MAE/ USP). E-mail: stabilearq@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1015-1294>

** Professora Doutora da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Pesquisadora-colaboradora do Núcleo de Pesquisa Arqueológica (NuPARq) do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA). E-mail: annerpd1@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5919-452X>.

*** Graduanda na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Bolsista do Núcleo de Pesquisa Arqueológica (NuPARq) do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA). E-mail: scaline.ap@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8296-3297>.

**** Pesquisador do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA) e Gerente do Núcleo de Pesquisa Arqueológica (NuPARq). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFMG). E-mail: luciocostaleite@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0604-2450>.

***** Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Arqueológica (NuPARq) do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFMG). E-mail: daianepereira.dp@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7998-4836>.

CHALLENGES AND STRATEGIES FOR THE MANAGEMENT OF ARCHAEOLOGICAL HUMAN REMAINS COLLECTIONS IN THE AMAZON

ABSTRACT

The work highlights the situation of the archaeological collections formed by human remains recovered in Amazonian contexts. The conservation and storage challenges of these collections are related to technical factors and to the archaeological practice itself. Through the research history of the human remains of the archaeological site Curiaú Mirim - I, AP, (considering the entire process of excavation and curation), we intend to observe problems common to institutions and collections in the Amazon. The solutions and reflections, albeit not concluded, point to the importance of curation as a scientific management tool and responsible for the collections. In addition, we discuss the need for specialized professionals, ethical approaches to sensitive materials and the strengthening of collaboration networks between people and institutions.

Keywords: funerary archaeological collections; curation; Amapá archaeology.

DESAFÍOS Y ESTRATEGIAS PARA LA GESTIÓN DE COLECCIONES DE RESTOS HUMANOS ARQUEOLÓGICOS EN LA AMAZONÍA

RESUMEN

El trabajo destaca la situación de las colecciones arqueológicas formadas por restos humanos recuperados de contextos amazónicos. Los desafíos de conservación y almacenamiento de estas colecciones están relacionados con factores técnicos y la práctica arqueológica en sí. A través de la historia de la investigación de los restos humanos del sitio arqueológico Curiaú Mirim - I, AP, (considerando todo el proceso de excavación y curación), deseamos señalar problemas comunes a instituciones y colecciones en la Amazonía. Las soluciones y reflexiones, sin agotar el problema, apuntan a la importancia de la curaduría como herramienta de gestión científica y responsable de las colecciones. Además, discutimos la necesidad de profesionales especializados, de enfoques más éticos de los materiales sensibles y de fortalecer las redes de colaboración entre personas e instituciones.

Palabras clave: colecciones arqueológicas funerarias; curación; arqueología de Amapá.

INTRODUÇÃO

A dinâmica das pesquisas arqueológicas realizadas na Amazônia nos últimos 30 anos pode ser vista no crescimento exponencial da quantidade de projetos, de pesquisadores, do envolvimento de novos estudantes, de intercâmbios e do volume de trabalhos publicados. Essa profícua geração de dados e novos conhecimentos sobre o passado da região também tem repercutido no aumento considerável dos acervos, físicos e documentais, nas diversas instituições da região. Por mais que escavar sítios arqueológicos, classificar e acumular coleções de objetos não definam a arqueologia como campo disciplinar, não importa onde tenham sido realizadas e a qualidade de seus resultados, nossas pesquisas ainda estão alicerçadas, em grande parte, na escavação e sondagem de contextos arqueológicos, bem como na expressiva produção de acervo documental gerada por esse processo (The Role of the Archaeological Excavation in the 21st Century, 2011).

O *gap* existente entre a produção ou aquisição de novos acervos arqueológicos e a disponibilidade de instituições preparadas, com pessoal especializado, instalações e materiais adequados, têm sido discutidos, ao longo das últimas décadas, enquanto uma “crise curatorial” (KERSEL, 2015). Explorar as nuances dessa situação na arqueologia brasileira não é o objetivo deste texto, especialmente se considerarmos o desdobramento dessas questões na legislação vigente, no financiamento às pesquisas, nas diferenças regionais políticas, econômicas e históricas. Por outro lado, a natureza dessa discussão oferece uma oportunidade de observar aspectos da prática arqueológica no Brasil que também impactam a preservação do patrimônio arqueológico e chamam atenção para as nossas responsabilidades frente a contextos culturalmente sensíveis e a evidências únicas do passado. Escolhas e decisões tomadas em campo e em laboratório necessitam do constante questionamento sobre o porquê e para quem são os resultados das pesquisas arqueológicas (ROCHA *et al.*, 2013). Não por acaso, há muito tempo é famosa entre arqueólogos e arqueólogas a asserção de que “*ours is the only science that ‘murders its informants’*” (FAGAN, 1995, p. 17).

Entre tantos acervos e, consequentemente, conhecimentos represados em instituições de pesquisa, neste texto tratamos da situação das coleções formadas por remanescentes humanos recuperados de contextos arqueológicos amazônicos – geralmente representados por ossos, dentes, blocos de sedimento e urnas¹, tendo sido escavados ou não. Esse tipo de coleção reúne enormes desafios de conservação, cuja origem atina não apenas a fatores técnicos e objetivos (características congênitas do material ósseo ou microbiológico, vetores tafonômicos de preservação ou degradação), mas à prática arqueológica, ou seja, as escolhas técnicas, teórico-metodológicas e outras decisões que impactam a trajetória desses acervos desde o campo até o laboratório.

Outros desafios estão associados à natureza dessas coleções enquanto integrantes do rol de evidências culturalmente e simbolicamente sensíveis. McGowan e LaRoche (1996) sugerem que esses materiais e seus contextos possuem uma “integridade metafísica”, que é desfeita quando escavamos e desmontamos um contexto funerário. O respeito em todos os campos da pesquisa arqueológica a esses contextos deve estar firmemente atado ao propósito científico e cultural que motivam a pesquisa, já que desestruturar locais de deposição de mortos pode significar uma grave violação de normas e valores das comunidades, direta ou indiretamente a eles associadas.

¹ Grande parte das urnas arqueológicas amazônicas devem ser vistas como mais do que simples invólucros. Elas representam o indivíduo sepultado e, portanto, devem ser consideradas como mais do que cerâmicas, elas são “corpos” (BARBOSA, 2011; BARRETO, 2008).

Ao longo dos últimos 40 anos, questionamentos e exigências relacionadas aos contextos sensíveis vêm se estruturando ao redor desses acervos. Já existem vários casos emblemáticos, tais como o “*National Museum of the American Indian Act*” de 1989 ou o “*Native American Graves Protection and Repatriation Act*” de 1990, ambos decretos estabelecidos nos Estados Unidos, resultado de questionamentos das populações indígenas sobre o destino do material arqueológico escavado (NICHOLAS, 2008). Outros exemplos são o estabelecimento da Associação Indígena Arqueológica (IAA) na Austrália; o “*The South African Resources Act*” de 1999 na África do Sul; e a retomada de urnas funerárias pelo povo Munduruku no Brasil em 2019 após uma década de reivindicações². Essas exigências, além de serem parte do processo de decolonialidade – no qual as justificativas acadêmicas (e a própria arqueologia) são questionadas – refletem que os remanescentes humanos não são simples artefatos. Eles são incutidos com sentimentos, um mundo de interpretações, de religiosidades e de identidades (CASSAMAN *et al.*, 2007, p. 1).

Na região norte do Brasil, instituições como o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (AM), o Laboratório de Arqueologia do Museu Amazônico da Universidade Federal do Amazonas (AM), a Universidade Federal do Oeste do Pará (PA), o Núcleo de Pesquisa Arqueológica do IEPA (AP), o Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas do Amapá da UNIFAP (AP), o Museu Paraense Emílio Goeldi (PA), a Universidade Federal do Pará (PA), a Universidade Federal de Rondônia (RO), além de inúmeros museus e coleções particulares através da Amazônia não plenamente reconhecidas pelo IPHAN, mantêm sob guarda remanescentes humanos representativos de diferentes populações pré-coloniais amazônicas. Infelizmente, muitas dessas coleções não são conhecidas, seja por sua origem histórica, seja pela própria dinâmica do licenciamento arqueológico, que produz grande quantidade de relatórios de pesquisa que não chegam a veículos de circulação mais ampla. A ausência de profissionais especializados na escavação de contextos funerários e na identificação de material ósseo humano maximiza esse problema com resultados onerosos tanto para as coleções amazônicas quanto para seu potencial científico-cultural, que permanece em estágio de latência (MENDONÇA DE SOUZA, 2010). Desde o planejamento das atividades até o processo de cura e conservação, conhecimentos oriundos da bioarqueologia, arqueotematologia e arqueologia funerária são de inevitável importância para a avaliação do contexto e de vestígios, considerando gestos funerários e processos tafonômicos (LESSA, 2017, p. 241). As particularidades do material ósseo exigem também que os profissionais envolvidos acabem buscando formação pontual em elementos da conservação, o que não diminui a demanda por profissionais desse campo nas pesquisas arqueológicas (SILVEIRA *et al.*, 2017).

Uma das características do material ósseo encontrado na Amazônia, seja ele de origem humana ou não, é a fragilidade comumente observada, seja ela resultante de processos tafonômicos seja, do próprio manuseio durante o funeral. Entretanto, a capacidade da bioarqueologia de trabalhar com pequenos fragmentos ósseos e elementos menos tangíveis do registro arqueológico – através de análises de microevidências químicas e moleculares – tem reforçado o argumento de que a característica fragmentária dessas coleções não deve ser um impedimento à formulação de estudos com foco no passado biocultural de populações humanas (MENDONÇA DE SOUZA, 2010; COSTA *et al.*, 2012; SILVA *et al.*, 2016; LESSA, 2017). Ademais, muito embora algumas condições tafonômicas específicas atuem de forma determinante para a acelerada degradação de materiais orgânicos, situações divergentes (MENDONÇA DE SOUZA *et al.*, 2001; RAPP

² <https://www.salsa-tipiti.org/pt/news/munduruku-reclaim-funerary-urns/>.

PY-DANIEL, 2009; GAMBIM JÚNIOR, 2016) nos lembram que ainda conhecemos pouco sobre a diversidade de contextos e ambientes amazônicos e seus efeitos sobre a preservação dos vestígios arqueológicos.

Uma vez que a superação da ausência de pesquisas sobre remanescentes humanos depende de projetos voltados para a gestão dessas coleções, compreender a pesquisa curatorial como parte integrante dos estudos arqueológicos, possibilita manter vivo o acesso aos dados já produzidos e a novas análises (BUIKSTRA; GORDON, 1981; BEZERRA; SILVA, 2009). O desenvolvimento das pesquisas também depende de instalações físicas (laboratórios e uma reserva técnica), preparadas para os desafios da rotina científica e para a exposição de materiais para tratamento. Todo potencial bioarqueológico precisa também de recursos para a condução de análises específicas e bolsas para o amparo de estudantes e pesquisadores. Finalmente, é preciso observar que a escavação de sepultamentos cujos mortos não reconhecemos como nossos, implica em oferecermos um tratamento ético aos corpos exumados, e isso é uma responsabilidade de todos os envolvidos – e não apenas do bioarqueólogo ou bioarqueóloga (WESOLOWSKI, 2019).

Do amplo cenário de desafios colocados à melhor gestão das coleções de remanescentes humanos na região, quatro aspectos principais chamam nossa atenção.

Em primeiro lugar, a dinâmica histórica de pesquisas na bacia amazônica, que, embora profícua do ponto de vista da produção de dados e conhecimento inédito, privilegiou a escavação de uma grande quantidade de sítios e vasilhas cerâmicas a partir de uma prática pouco sensível aos contextos funerários – desde sua preservação até às responsabilidades relacionadas a achados e lugares sensíveis e às comunidades locais, indígenas ou não. Ainda que esta situação esteja passando por grandes transformações na atualidade, urnas funerárias compuseram (e ainda compõem) grande parte dos acervos gerados nos séculos XIX e XX (SILVEIRA *et al.*, 2017).

A carência de pesquisadores especializados na escavação extremamente delicada e metodologicamente distinta de contextos funerários na região e interessados em estudar coleções de remanescentes humanos, por sua vez, mantém velado o enorme potencial informativo e cultural desses materiais. Contando ou não com a presença desses profissionais, muitos contextos funerários serão inevitavelmente escavados, particularmente no âmbito de projetos da arqueologia preventiva.

Há que se considerar também as situações de preservação do material ósseo humano diferenciais – tendo em vista a pluralidade de ambientes amazônicos, as formas de deposição de corpos, os métodos de escavação e acondicionamento –, que, de modo geral, resultam em situações difíceis para a análise e tratamento dos materiais.

Por fim, destacamos a demanda por ações de preservação e acesso ao acervo, que são entendidas de maneiras distintas de acordo com os atores envolvidos, mas que demandam voz nas decisões e etapas da pesquisa sobre remanescentes humanos. Existe uma multiplicidade de pessoas que podem e devem ser envolvidas no processo de gestão dos acervos para que eles sejam plenamente reconhecidos. Tanto as populações indígenas, que são descendentes das sociedades estudadas pela arqueologia, como outros coletivos humanos, que têm relações variadas com urnas e vasilhas em seus quintais, nos levam à reflexão sobre como construir esse processo de escuta e compartilhamento.

Os problemas acima delimitados se dirigem especificamente à gestão de coleções de remanescentes humanos na região amazônica. Entretanto, é importante compreender que essas questões devem estar conectadas e em diálogo com profissionais e com a Curadoria Arqueológica como pesquisa (PEARCE, 1990), integrando estudos e planos de gestão das coleções que garantam sua preservação física e informacional, assim como a conexão entre os diferentes acervos, pesquisas, perspectivas e sistemas relacionais.

Diante desse cenário, o objetivo deste artigo é discutir aspectos gerais associados à conservação de coleções de remanescentes humanos de origem arqueológica na Amazônia. Além de elementos técnicos, outros associados à prática arqueológica e aos contextos locais em que estão instalados universidades, laboratórios e museus devem ser observados. O histórico de pesquisa da série de remanescentes humanos do sítio arqueológico Curiaú Mirim – I (CM-I), no Estado do Amapá, desde sua escavação no âmbito da arqueologia preventiva, passando pelo período de acondicionamento provisório na Reserva Técnica, até a recente retomada do processo curatorial, servirá de janela para a observação de problemas mais gerais. As soluções apresentadas para essa coleção, embora não esgotem o problema e a discussão, podem servir de parâmetros para a gestão de acervos dessa natureza nessa região, baseadas em princípios de responsabilidade junto ao patrimônio arqueológico e cultural. Por outro lado, é preciso destacar que os 7 milhões de km² da região amazônica apresentam contextos ambientais e socioculturais particulares, de modo que histórias diferentes devem ser observadas em cada uma das coleções já sob guarda em museus e institutos. Por isso, comparações com outros contextos regionais devem reforçar a premissa de que não existe uma Amazônia homogênea.

PRÁTICA ARQUEOLÓGICA ENTRE URNAS, OSSOS E TERRA NA AMAZÔNIA

Desde o século XIX, a arqueologia se estrutura enquanto campo de pesquisa a partir do estudo de contextos funerários (BUIKSTRA; BECK, 2006). No Brasil, os contextos funerários do carste de Lagoa Santa, MG; os cemitérios indígenas identificados por Emílio Goeldi na Foz do Amazonas; e os sambaquis na região sul e sudeste fomentaram os primeiros debates sobre origem, difusão e diferenças “raciais” entre as populações pré-colombianas (BARRETO, 1999-2000). É de se notar que antigos manuais, inclusive, indicavam a relevância de contextos funerários para escavação (DUDAY *et al.*, 1990), haja vista a integridade – e, às vezes, monumentalidade – de alguns desses locais. Ademais, a intencionalidade dos enterramentos refletia o conceito de “*ensembles clos*”, (contextos fechados), em que eventuais acompanhamentos seriam contemporâneos e, portanto, ajudariam em classificações e seriações cronológicas de objetos (KRUTA, 1982; DUDAY *et al.*, 1990).

Na região amazônica, o estudo de contextos funerários foi desenvolvido de forma assistemática por quase todo o século XX. Muito embora a menção a remanescentes humanos esteja presente em pesquisas arqueológicas precursoras (GOELDI, 1905; HILBERT, 1957; MEGGERS; EVANS, 1957), estudos sistemáticos voltados aos locais de deposição de mortos foram integrados à rotina das pesquisas arqueológicas de maneira limitada. Esses locais eram investigados devido à presença de objetos mais íntegros e decorados. As próprias definições de Fases e Horizontes/Tradições Amazônicas se basearam, largamente, na descrição de objetos funerários ricamente decorados (BARRETO, 2008, p. 23), mas que durante muito tempo não foram compreendidos a partir dos seus contextos, sendo vistos unicamente como objetos de cerâmica. Assim, subjacente às ricas descrições técnicas e estilísticas de vasilhas, estavam contextos funerários nunca descritos, estudados em profundidade ou considerados a partir de uma perspectiva ética (RAPP PY-DANIEL, 2015).

Durante a segunda metade do século XX, a arqueologia amazônica se tornou o campo mais proeminente da arqueologia brasileira (SIMÕES, 1977), orientada por problemas teóricos – estabelecimento de fronteiras linguísticas; impactos da conquista sobre o modo de vida das populações pré-colombianas; relações entre ambiente e cultura – e instrumentalizada por ferramentas advindas da antropologia e da história (HECKENBERGER *et al.*, 1998; BALÉE, 1998; SCHAAN, 2007; CABRAL, 2014; NEVES,

2016; BEZERRA, 2018). Não obstante sua importância no quadro mais geral da arqueologia, as pesquisas na Amazônia realmente pouco refletiram sobre os ritos funerários e suas relações com a dinâmica social; além disso, muito pouco foi realizado a partir do estudo da biologia humana arqueologicamente contextualizada (MENDONÇA DE SOUZA, 2010) ou da perspectiva simbólica e ritualística do material encontrado nesses contextos (BARRETO, 2008). Pesquisas ao longo dos últimos vinte anos foram apenas pontualmente marcadas por análises sistemáticas de enterramentos e remanescentes de corpos humanos, de modo que o quadro geral apontado por Rapp Py-Daniel (2015) – de que os contextos funerários amazônicos são absolutamente pouco conhecidos – permanece pouco alterado, salvo alguns esforços consideráveis (MENDONÇA DE SOUZA *et al.*, 2001; GUAPINDAIA, 2004; RAPP PY-DANIEL, 2009; 2016; COSTA, 2015; GAMBIM JÚNIOR, 2016; FONSECA, 2018).

O cenário também descrito por Mendonça de Souza (2010) – da necessária atenção aos acervos de remanescentes humanos armazenados ao longo de décadas – segue atual e reforça a necessidade de aplicar tempo, pessoas e recursos sobre as coleções já salvaguardadas. Por isso, cabe avaliar sob quais condições as coleções de remanescentes humanos estão hoje acondicionadas e se, portanto, estariam realmente acessíveis a novas pesquisas ou reestudos. Ossos e urnas não contam suas histórias por si mesmos. Dados contextuais (fichas de campo e laboratório, diários, fotografias, etc.) devem estar acessíveis, bem como os próprios remanescentes humanos inventariados, identificados, organizados e monitorados dentro das instituições. Ou seja, assegurar as condições propícias ao desenvolvimento do conhecimento bioarqueológico equivale a assegurar pesquisas curatoriais sobre esses acervos (LESSA, 2011; NEVES, 1988). Conhecer suas especificidades técnicas, compreender comunidades interessadas, manter junto aos acervos especialistas voltados para a produção de novos dados e/ou orientar seu manejo nos parece especialmente importante quando tratamos dos vestígios comumente frágeis e, sobretudo, sensíveis.

Junto com a discussão sobre protocolos de manuseio e acondicionamento de coleções, outros elementos deverão ser considerados, como o melhor planejamento de pesquisas, de modo a evitar a escavação desnecessária/excessiva de contextos funerários. Outra observação importante a esse respeito é que o processo curatorial de esqueletos de origem arqueológica não se encerra quando esses esqueletos entram na RT. Buikstra e Gordon (1981) demonstraram a importância de compreender a cura de coleções osteológicas no marco de uma “longa duração”. Em termos práticos, o monitoramento é parte das atividades curatoriais permanentes, capaz de oferecer subsídios para ações emergenciais de estabilização dos acervos, identificar divergências em sua organização e gerar novos dados de pesquisa à medida que a própria natureza da atividade curatorial a coloca como parte do processo científico (VOSS, 2012).

Não é surpresa que materiais arqueológicos – do ponto de vista de sua preservação física – mantenham certa relação de equilíbrio com o microambiente de sua deposição e com o solo. Quando falamos especificamente de remanescentes ósseos, humanos ou não, também é fato reconhecido que inúmeras variáveis – que incluem desde as formas de deposição e processos pós-deposicionais até o pH do solo, presença de patologias e idade de morte do indivíduo – influenciem esse equilíbrio e o processo de degradação (GORDON; BUIKSTRA, 1981). Por esses motivos e pela possibilidade de proceder com maior cautela, tempo e acurácia, sepultamentos dentro e fora de urnas vêm sendo preferencialmente escavados em laboratório (MENDONÇA DE SOUZA; RODRIGUES-CARVALHO, 2013). Por outro lado, as distâncias e condições amazônicas de transporte, muitas vezes, exigem a escavação *in loco*, impondo desafios logísticos e aumentando o

peso sobre as decisões e estratégias construídas para escavação. Essa realidade fortalece a necessidade de conhecimentos em bioarqueologia e conservação desde o campo.

Quando escavados, o máximo esforço é dedicado à interrupção da rápida degradação que acompanha a exposição de remanescentes ósseos. Em contextos amazônicos, mesmo profissionais mais experientes possuem dúvidas e questionamentos sobre como proceder a escavação de urnas ou blocos cujo conteúdo ósseo, por sua friabilidade extrema, parece não resistir aos procedimentos de escavação e acondicionamento. Esses remanescentes ósseos – já classificados como “fantasmas” por Gordon e Buikstra (1981, p. 569) – muitas vezes, estão de tal modo fragmentados que sua estrutura e forma não se mantêm estáveis sem o suporte do próprio solo. Mesmo em situações ideais, é possível que muitos fragmentos pequeninos e amorfos, além de sedimentos com microfragmentos de ossos misturados sejam o resultado final do trabalho. É comum que esses fragmentos e sedimentos recebam uma etiqueta (“ossos”), sejam acondicionados em uma caixa na Reserva Técnica e lá permaneçam por muitos anos. Ainda que a forma de acondicionamento desses materiais seja extremamente importante, sua característica fragmentária não inspira equipes à reflexão sobre as melhores formas de preservá-los e estudá-los.

Considerando a importância dos acervos funerários para a superação das lacunas no conhecimento arqueológico sobre a Amazônia, o desenvolvimento de pesquisas curatoriais específicas e a natureza metafísica desses materiais, é necessária a aplicação de técnicas que respeitem tanto a natureza sensível quanto sua fragilidade e, além disso, que sejam ferramentas integradas ao cotidiano das instituições. Em 2018, o Núcleo de Pesquisa Arqueológica do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (NuPArq/IEPA) deu os primeiros passos rumo à construção de um projeto de curadoria da coleção de remanescentes humanos salvaguardados na Reserva Técnica da instituição (Figura 1). Esse projeto se enquadra num programa maior de cura, guarda e socialização de todos os vestígios arqueológicos contidos no local (PEREIRA, 2012, 2015). Vestígios esses oriundos de mais de duas dezenas de sítios arqueológicos localizados no Amapá e que estão em processo de curadoria. O transcurso dessa experiência, embora planejado e organizado para responder ao objetivo de oferecer formas adequadas de preservar e manejar esses acervos, também tem sido observado enquanto espaço flexível, ou seja, aberto às transformações inevitáveis a qualquer contexto de pesquisa (GUICHÓN, 2016). Foi esse cenário de idas e vindas, de aprendizado e diálogos entre pessoas e instituições que aproximou os autores e autoras deste artigo.

Figura 1 – Visão geral do pavimento térreo da Reserva Técnica do Núcleo de Pesquisa Arqueológica do IEPA, localizado em Macapá, Amapá. Foto: Maurício de Paiva (2018).

O estudo de caso selecionado para a discussão proposta neste artigo compreende a coleção funerária do sítio CM-I, localizado ao norte da cidade de Macapá/AP. Nesse caso, tanto os ossos como os acompanhamentos são coleções delicadas, vulneráveis a impactos mecânicos e vetores de degradação ambientais. São também evidências muito especiais, seja pelo ineditismo de alguns dos acompanhamentos funerários, seja pela inabitual preservação de remanescentes ósseos em contextos amazônicos.

ESTUDO DE CASO: COLEÇÃO FUNERÁRIA DO SÍTIO CURIAÚ MIRIM – I, AMAPÁ

Breve histórico da coleção

Situado na zona estuarina do Amapá, o sítio arqueológico CM-I possui um histórico de pesquisas relativamente recente. Os primeiros vestígios arqueológicos na área do sítio foram localizados por moradores da região e reportados ao poder público e ao NuPArq/IEPA em 2010 (SALDANHA; CABRAL, 2012). O achado consistia em uma urna funerária localizada no leito da estrada vicinal que dá acesso ao Rio Curiaú; e, após a confirmação do sítio arqueológico, duas campanhas de resgate foram coordenadas pelo núcleo entre 2011 e 2014, resultando na escavação – por decapagem mecânica – de uma área de, aproximadamente, 10.000m² (Figura 2). Até o momento, os dados produzidos sobre o sítio têm sustentado a interpretação de se tratar de um lugar destinado tanto à existência de habitações quanto à prática de enterramentos (GAMBIM JÚNIOR, 2016; SALDANHA; CABRAL, 2016).

Figura 2 – Localização do sítio arqueológico Curiaú Mirim – I, ao norte da sede municipal de Macapá/AP. Produzido por: Rafael A. Stabile (2020).

Além do resgate emergencial da urna sob o leito da estrada, as campanhas subsequentes identificaram outras três grandes estruturas funerárias. Duas delas compreendiam poços escavados no latossolo com câmaras laterais, onde foram

depositadas urnas e acompanhamentos funerários. Uma terceira estrutura consistia em uma fossa rasa central e cerca de uma dezena de feições menores, em cuja base foram identificados buracos de poste. Na fossa central um arranjo formado por três urnas (uma delas, antropomorfa), uma vasilha cerâmica e três conjuntos de ossos humanos depositados diretamente sobre o solo, se consolidou como uma das cenas mais icônicas da arqueologia amapaense (SALDANHA; CABRAL, 2016) (Figura 3).

Figura 3 – Visão geral do arranjo formado por urnas funerárias e remanescentes ósseos humanos depositados fora de urna. Foto: Acervo NuPARq/IEPA (2011).

Algumas evidências relacionadas a essa ocupação foram destacadas por Saldanha e Cabral (2016), por representarem uma mudança no padrão dos sítios “habitação” na região do estuário do rio Amazonas por volta de 800 anos A.P. Estes teriam se tornado maiores, com cemitérios espacialmente integrados ao cotidiano das aldeias e urnas cerâmicas relacionadas à fase *Mazagão*, ocupando o lugar – antes frequentemente reservado às cerâmicas *Marajoara* – de principal invólucro para os remanescentes de corpos sepultados.

Diferentes métodos foram aplicados durante a escavação dos sepultamentos entre as duas campanhas, com resultados bastante destoantes quanto à conservação dos remanescentes humanos. No sepultamento formado pelo conjunto de fossas (Estrutura 42), escavado em 2011, quase todas as urnas e deposições fora de urnas foram escavadas em campo – com o suporte de fotografias, fichas e descrições em diário de campo (SALDANHA; CABRAL, 2012). A solução autopolimerizante *Primal AC33* foi aplicada sobre os remanescentes ósseos para sua estabilização. Entretanto, a falta de planejamento que implicasse na presença de um(a) conservador(a) *in situ*, resultou na aplicação da solução de forma imprecisa, com dano relativo ao material. Os sepultamentos em poços (Estruturas 1043 e 1059), escavados em 2014 já com a presença de um bioarqueólogo, tiveram todas as urnas escavadas em laboratório. Nessa ocasião, a escavação das urnas também demandou a aplicação de solução consolidante para estabilizar ossos e fragmentos ósseos, porém tal solução foi utilizada apenas em circunstâncias específicas e controladas (GAMBIM JÚNIOR, 2016). Embora realizadas em um curto espaço de

tempo, as escavações das urnas em laboratório permitiram maior acurácia, de modo que materiais fisicamente frágeis fossem recuperados de forma excepcional. O processo de integração desse acervo à Reserva Técnica foi iniciado em 2014 e empreendido a partir dos recursos disponíveis na instituição àquela época.

O diagnóstico

Desde 2017, a gerência do NuPArq/IEPA retomou antigas discussões e iniciativas da instituição para a aplicação de procedimentos voltados à conservação e resgate do potencial dos acervos de remanescentes humanos – tendo em vista o acondicionamento irregular dos mesmos, sua vulnerabilidade e a ausência de dados mais gerais que permitissem seu acesso e novos estudos. Em 2018, um diagnóstico foi realizado com objetivo de verificar as condições de preservação e as formas de acondicionamento de toda a coleção de remanescentes humanos e avaliar a necessidade de ações emergenciais para a contenção de processos de degradação. O diagnóstico verificou que, via de regra, toda a coleção era formada por material bastante fragmentado e anatomicamente incompleto. Muitos sítios estão representados apenas por algumas unidades de sacos com poucos fragmentos ósseos (muitos dos quais pequenos e amorfos). Soluções provisórias de acondicionamento, estabelecidas ainda em campo – como tampas de embalagens de produtos domésticos reaproveitadas, sacos e recipientes plásticos diversos – perduravam entre as estantes da coleção. A maior parte desta estava acondicionada em caixas políonda azuis, tipo arquivo, com sacos plásticos e folhas de alumínio protegendo o conteúdo interno.

Nomeadamente, os remanescentes ósseos e os acompanhamentos funerários do sítio CM-I demonstraram integridade física excepcional (se comparados à maioria dos sítios representados na coleção), ainda que, ossos e dentes, em muitos casos, estejam pouco resistentes até mesmo a pequenas pressões. Entretanto, a forma provisória de acondicionamento dos remanescentes ósseos acabou se tornando “permanente” e alguns anos após sua integração à coleção um acelerado processo de fragmentação dos ossos foi identificado. O problema era visível, principalmente, pelo acúmulo significativo de material pulverizado no fundo das caixas – resultado da abrasão provocada pelo contato direto entre os ossos.

Entre os remanescentes humanos do sítio CM-I, a organização do material dentro das caixas havia sido determinada pela sua procedência (fragmentos ósseos de uma mesma localização dentro das urnas, embora pertencentes a indivíduos diferentes, foram acomodados juntos), de modo que não era possível a um pesquisador interessado no material recuperar os conjuntos esqueléticos individuais. Embora adultos de ambos os sexos e crianças de diferentes idades tenham sido identificados durante as pesquisas preliminares sobre a coleção, tais indivíduos não poderiam ser identificados a partir do material de forma imediata e sem manuseio, seja pela dispersão física dos conjuntos anatômicos, seja pela ausência de etiquetas com identificação de cada indivíduo nas caixas ou junto aos ossos. Afinal, todo potencial atinente a esse acervo estava sob risco, considerando diferentes fatores que levavam a sua gradativa destruição.

Retomada do processo curatorial

A trajetória de acervos funerários, desde sua escavação, deve ser considerada se desejamos explicar corretamente seu estado de preservação e definir medidas para sua estabilização (BEZERRA; SILVA, 2009). Para orientar as ações curatoriais aplicadas aos remanescentes humanos e acompanhamentos funerários de CM-I, consideramos as seguintes causas para sua degradação: abrasão entre ossos devido ao contato direto entre os mesmos; impactos mecânicos causados pela movimentação das caixas da RT ao longo

do tempo; mistura entre ossos com procedências distintas; carência de materiais adequados para a estabilização dos remanescentes; e, finalmente, as propriedades físicas do próprio material que, embora relativamente bem preservado, havia perdido muito de sua densidade natural.

Foi, portanto, necessário ponderar a melhor forma de reacondicionamento, os materiais adequados para sua estabilização, um protocolo específico para seu manejo científico e estratégias para facilitar o acesso aos dados e aos materiais com o maior conforto e o menor impacto sobre eles. Dessa forma, foram definidos três horizontes para balizar as ações de cura sobre os remanescentes humanos do sítio CM-I:

- 1) Prevenção de impactos mecânicos, térmicos e de umidade;
- 2) Manutenção da unidade física dos remanescentes humanos e
- 3) Aprimoramento do acesso a esse acervo.

As ações curatoriais foram baseadas em Neves (1988) e Lessa (2011), mas foram adaptadas tendo em vista a realidade do contexto ambiental da região onde os remanescentes humanos estão salvaguardados. Por isso, as estratégias adotadas no caso ora descrito devem ser observadas enquanto parâmetros para a manipulação de uma coleção física e culturalmente sensível, já que realidades institucionais distintas devem delimitar o método a ser empregado em cada situação.

É uma tendência que a mesma coleção seja objeto de diferentes pesquisas ao longo do tempo, conforme demonstrado por Buikstra e Gordon (1981). Essa constatação ganha outra importância no contexto brasileiro, em que poucas coleções são numericamente representativas (LESSA, 2011). A preservação relativamente boa dos remanescentes ósseos do sítio CM-I e a quantidade de indivíduos identificados até o momento os tornam interessantes para estudos paleodemográficos, normalmente de difícil aplicação em coleções amazônicas. Tendo em vista que não existe um protocolo absoluto que congregue harmonicamente os escrúpulos da atividade científica e os aspectos socioculturais relacionados ao tratamento oferecido a remanescentes humanos (BALACHANDRAN, 2009), os processos de cura foram planejados levando em consideração a prevenção de impactos pelo manuseio constante e valores universais relacionados à morte e aos mortos.

Seguindo as recomendações do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Portaria No. 196/2016) e aquelas contidas em Froner (2008), apenas materiais inertes foram escolhidos para contato direto com o material ósseo e mobiliário funerário. Tendo em conta também o rápido crescimento dos acervos da instituição e o espaço finito de guarda, foi considerada a necessidade de caixas adaptadas e otimização do espaço. O resultado foi a utilização de dois modelos de caixas do tipo polionda, ambos brancos, com tampa, porém com dimensões distintas – o primeiro com altura suficiente para acomodar um crânio inteiro (560mm x 300mm x 360mm) e o segundo, mais raso, porém projetado para acomodar a maior parcela da coleção. Este segundo modelo (560mm x 155mm x 360mm) deve permitir o melhor aproveitamento de espaço.

As novas caixas protegem com mais eficiência o material da poeira e de outros agentes externos, além de possuírem uma capacidade de deformação maior do que as caixas em polietileno de alta densidade (PEAD), modelo anteriormente utilizado para o acondicionamento. Trata-se de uma característica desejável, pois as forças produzidas pelo impacto ocasionado pela movimentação das caixas tendem a ser absorvidas pela própria caixa ao invés de se propagarem para o material que ocupa seu interior.

Manta e placas de polietileno expandido (EPE, também conhecidas como *ethafoam*) foram os materiais mais importantes para a acomodação dos remanescentes humanos,

considerando sua versatilidade e possibilidades de manuseio. Esses dois materiais foram amplamente utilizados para forrar caixas e para a confecção de divisórias, bandejas, nichos, pequenos suportes e colunas de apoio, ou seja, invólucros rígidos o suficiente para o manuseio, mas com capacidade de amortecimento de possíveis impactos (MEISTER, 2019).

A acomodação dos ossos e acompanhamentos funerários dentro de sacos foi descartada como estratégia (com algumas exceções), haja vista a necessária interrupção da abrasão entre as peças. Alternativamente, foram construídos nichos com dimensões específicas para cada osso e artefato. Assim, a diversidade de formas dos compartimentos e suportes construídos em EPE obedeceram aos mesmos princípios de estabilização descritos acima. A otimização do espaço dentro das caixas foi um critério suplementar e baseado em um sistema de níveis, desenhado de modo a acomodar todo o conteúdo em “bandejas” sobrepostas em até três níveis diferentes (Figura 4).

Figura 4 – Exemplos de aplicação dos materiais em EPE para o acondicionamento dos sepultamentos do sítio CM-I. Note-se a distribuição dos remanescentes em bandejas e níveis dentro das caixas polionda brancas. Fotos: Acervo NuPArq/IEPA (2019).

Todos os procedimentos e estratégias adotados para o amortecimento de impactos demandaram uma grande quantidade de tempo, por isso sua aplicação deve ser preferencialmente planejada para evitar descontinuidades no processo. Quando tratamos da escolha dos materiais mais adequados em Reservas Técnicas na Amazônia, por exemplo, é importante salientar que esses materiais são de difícil acesso para grande parte das cidades. Sua compra pelo NuPArq/IEPA demandou planejamentos orçamentário e logístico importantes, além de ajustes na agenda de pesquisa. Por isso, para a definição dos procedimentos e materiais, é necessário identificar o distribuidor capaz de realizar o envio de materiais volumosos (como as placas de EPE), prever tempo entre a compra (no

caso de instituições públicas, também temos os ritos administrativos de gastos públicos) e a entrega – sem deixar de mencionar valores consideráveis com o transporte do material até o destino final.

Os métodos para a identificação de estruturas ósseas, higienização (quando necessária) e organização do fluxo de atividades foram baseados nos protocolos já conhecidos (LESSA, 2011; NEVES, 1988) e auxiliados por manuais de análise osteológica humana (WHITE, 1991; BUIKSTRA; UBELAKER, 1994; SCHEUER; BLACK, 2000). Dados produzidos dessa forma foram registrados em uma base de dados específica, em fichas e em etiquetas individuais que acompanham cada osso, objeto ou conjuntos dentro das caixas. Neste caso, não foram aplicadas técnicas de fixação entre segmentos fraturados ou qualquer tipo de restauração definitiva, já que quebras polidas ou pequenas áreas de contato foram a regra nessa situação, não permitindo a correta restauração das peças. Considerando tanto o estado de preservação do material quanto a necessidade de aplicação de técnicas não invasivas e o respeito à integridade biológica dos remanescentes, ossos e artefatos não receberam numeração sobre sua superfície. Ao invés disso, cada osso, fragmento ou conjunto de fragmentos recebeu um número identificador em sua etiqueta física.

Levando em conta a disposição de mais tempo e recursos que em trabalhos anteriores e a necessidade de reconstituir anatomicamente os indivíduos sepultados, as estimativas de sexo e idade foram atualizadas (BUIKSTRA; UBELAKER, 1994; SCHEUER; BLACK, 2000). Haja vista que a condição prévia de organização dos sepultamentos não permitia o reconhecimento de cada indivíduo identificado em cada uma das deposições escavadas, essa atualização se tornou imprescindível. Através dela foi possível individualizar os remanescentes ósseos e melhorar a estimativa do Número Mínimo de Indivíduos (MNI). Essa etapa, assim como a identificação anatômica e de processos tafonômicos e patológicos, está relacionada à redução do manuseio desnecessário do material e requer conhecimento básico de anatomia óssea.

Prover formas de acessar virtualmente dados sobre a coleção não deve ser observado apenas enquanto facilitador ou acelerador do processo de investigação (embora também o seja). Igualmente importante é sua capacidade de amortecer impactos sobre os materiais ao permitir que pesquisadores acessem e planejem suas pesquisas dispensando a velha necessidade de abrir caixas, revirando seu conteúdo atrás dos materiais que os interessem. A reunião de toda documentação primária disponível e dos dados já publicados sobre o sítio também orientaram as decisões e estratégias durante a pesquisa (WESOLOWSKI, 2014). A soma desses dados àqueles produzidos durante o processo curatorial dos sepultamentos alimentou a base de dados em construção da coleção de remanescentes humanos. Trata-se de um passo inicial, mas esperamos poder integrar essa base a já existente Base Informacional do NuPArq/IEPA. A pesquisa curatorial pode ser uma janela para a observação de aspectos tafonômicos e de processos de conservação de material orgânico a longo prazo. Por isso, gestores das coleções arqueológicas também são responsáveis pela documentação informacional para que diferentes interpretações possam ser realizadas e, assim, as metodologias possam se aperfeiçoar.

Evidentemente, a construção de uma base acessível não dispensa sempre a necessidade de manuseio do acervo. É de se notar, portanto, que o sistema de bandejas definido para o acondicionamento interno do material permite o acesso a estruturas e peças específicas, além de sua visualização, dispensando o contato físico direto. (Figura 5). A Base de Dados também auxiliará no monitoramento subsequente da coleção e ainda permitirá que futuros pesquisadores compreendam as decisões tomadas e todos os procedimentos adotados através do acesso ao histórico documentado desse acervo.

Figura 5 – Exemplo de aplicação do sistema de bandejas confeccionado sobre placas de EPE.
Fotos: Acervo NuPArq/IEPA (2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, a existência de toda e qualquer coleção sempre está ameaçada, já que poucas são as instituições com recursos suficientes ou mesmo pessoal qualificado continuamente presentes (SILVEIRA *et al.*, 2017). Ao mesmo tempo, as portarias sobre a conservação e gestão dos acervos estabelecidas em âmbito federal, embora pertinentes e necessárias, se chocam contra a realidade das instituições. Compreender a complexidade dessa situação não significa ser permissivo, ao contrário, exige inovações, muita imaginação e a construção de mais espaços horizontais e flexíveis de diálogo, além de redes de colaboração, em que a troca de experiências encontre eco. A existência de profissionais voltados e formados para trabalhar especificamente com contextos funerários e análises osteológicas é uma realidade, mesmo que ainda sejam poucos os espaços que conseguem contratá-los.

Pesquisas científicas não são apenas análises e resultados. Elas são também caracterizadas pelo planejamento; pelos erros e acertos; pelo envolvimento de comunidades; pelas políticas ou pelas consequências de sua ausência; e pelo envolvimento entre pesquisadores e instituições. Ou seja, a capacidade de ver a pesquisa

como um longo processo, cujas várias etapas são oportunidades para novos caminhos e possibilidades, é uma visão mais potente da produção de conhecimento (GUICHÓN, 2016). A coleção de remanescentes humanos do NuPARq/IEPA representa mais um desses casos, do comum encontro entre o potencial – científico e cultural – e os desafios para a produção de conhecimentos novos. Assim como inúmeras instituições irmãs no Brasil, as coleções de remanescentes humanos do NuPARq/IEPA possuem trajetórias específicas, relacionadas às pesquisas motivadas por projetos acadêmicos e/ou pela prevenção de impactos a sítios em áreas de empreendimentos. Medidas mais contundentes sobre a condição inadequada de acondicionamento e insuficiência de pesquisas sobre os remanescentes ósseos partiram da gerência do núcleo em 2017. Ou seja, a despeito da carência de pessoal especializado e de tempo, foi necessário atribuir prioridade à gestão dessa coleção para que formas de superação desses desafios, ainda que de alcance relativo, pudessem se pôr à vista, passo determinante para aproximação de novos profissionais, bolsistas e colaboradoras (Figura 6). O projeto ora em desenvolvimento, por sua vez, longe de um desenvolvimento perfeito e cadenciado da pesquisa, foi marcado por momentos de reflexão, de idas e vindas e colaboração entre pessoas com diferentes experiências e visões sobre a arqueologia.

Figura 6 – Desde 2018, a retomada das iniciativas sobre a coleção de remanescentes humanos do NuPARq/IEPA tornou imperativa a aproximação de novos profissionais, colaboradores e bolsistas. Fotos: Acervo NuPARq/IEPA (2019).

É de se notar que o acervo funerário do sítio CM-I se destacava pela preservação excepcional dos remanescentes humanos e dos acompanhamentos funerários – ao menos em comparação com a maioria dos contextos conhecidos para a região (GAMBIM JÚNIOR, 2016). Ao mesmo tempo, sua trajetória não deixava de reter simetrias interessantes com uma realidade compartilhada entre diferentes contextos de pesquisa. Os resultados significativamente melhores na preservação dos remanescentes humanos observada em 2014 – quando a equipe pôde contar com um bioarqueólogo em campo e em laboratório – e a atual retomada dos processos curatoriais da coleção são ilustrativas da importância da presença de profissionais com experiência e dedicados ao tratamento de contextos funerários. As pressões derivadas do tempo e recursos materiais escassos, tão comuns à realidade brasileira, com impacto determinante para o acondicionamento insatisfatório desse acervo, começou a ser ponderada, em primeiro lugar, com políticas internas de gestão das coleções (PEREIRA; CABRAL, 2010; PEREIRA, 2012). O destacamento de profissionais para pesquisas especificamente sobre acervos permitiu a construção de espaços mais favoráveis à gestão das coleções do NuPARq ao longo dos últimos dez anos, processo que culminou com o desenvolvimento de ações e um projeto específico de curadoria e resgate do potencial da coleção.

Não obstante o enorme avanço das possibilidades em bioarqueologia, através da aplicação de técnicas capazes de detectar evidências normalmente invisíveis aos olhos desarmados, os desafios que ainda se apresentam para pesquisadores precisam ser observados por meio da ótica acadêmica alicerçada em princípios éticos. Ao passo que não é admissível que os remanescentes humanos, em particular aqueles em pior estado de preservação e fragmentários, permaneçam depositados ao invés de salvaguardados, pesquisas curatoriais se desenvolvem melhor quando assumidas coletiva e institucionalmente visto que as melhores soluções passam a ser desenhadas em equipe. Em seu trabalho, Lessa (2011) já apontava que

assegurar a melhor condição possível para a realização das atividades de curadoria e para o estado de conservação geral do material não é obrigação apenas da instituição responsável por sua salvaguarda. Essa é uma questão que deve ser amplamente discutida antes mesmo da escavação de estruturas funerárias, quando devem ser empregadas técnicas adequadas para a coleta, documentação e transporte do material. Caso contrário, o trabalho do curador e de sua equipe pode ser irremediavelmente prejudicado (LESSA, 2011, p. 15).

Ademais, qualquer proposta de gestão de acervos atuais ou de proposta de pesquisa de campo deve também considerar o histórico de formação das coleções que já estão salvaguardadas e se as mesmas foram analisadas e acondicionadas de maneira adequada. De qualquer forma, devemos refletir até que ponto esvaziar urnas e cemitérios sem planejamento é uma abordagem aceitável. A escavação de contextos contendo remanescentes humanos precisa que diferentes variáveis sejam cuidadosamente consideradas: possíveis riscos de impacto decorrentes de obras e/ou transformações na paisagem; logística para o transporte dos remanescentes humanos e procedimentos para sua conservação durante esse processo; relação e possíveis anseios da população local com o sítio e o material arqueológico; disponibilidade de materiais apropriados para a escavação e conservação dos remanescentes; aplicação pela equipe de uma conduta ética; destino adequado para os materiais e início da pesquisa curatorial e salvaguarda, etc.

Os procedimentos e estratégias descritas na seção anterior são a adaptação de protocolos já vigentes a uma realidade específica, em que o material não suporta quase nenhum nível de impacto. A decisão de trocar a estratégia comum de acomodação em sacos por nichos confeccionados segundo o tamanho de cada osso ou fragmento ósseo, por exemplo, é expressão dessa necessidade. A condição extremamente frágil do material justificou o investimento de tempo, pessoas e recursos. Se queremos que as cinzas contem histórias (MENDONÇA DE SOUZA, 2010, p. 429) e que as populações do presente possam não só ter acesso, como também a possibilidade de avaliar o trabalho conduzido, precisamos garantir, da melhor maneira possível, que todo e qualquer remanescente humano seja preservado e que nossas decisões (teóricas e metodológicas) prevejam o máximo respeito aos valores e significados de outrem. Uma das próprias razões de ser das Reservas Técnicas e museus é a salvaguarda de objetos e registros para o público em geral. No Brasil, desde a Lei nº 3924/1961, toda a nação brasileira deveria poder ter acesso às informações e ao material arqueológico estudado, hoje e no futuro. Embora não tenha sido o objetivo deste artigo, a provocação sobre o presumido caráter universal de objetos e estruturas arqueológicos está a serviço de refleti-los, desde sua proximidade histórica com populações indígenas.

A carência de pesquisas curatoriais na arqueologia como um todo é o problema que, inevitavelmente, conecta os demais desafios considerados ao longo deste texto. Essa lacuna específica de pesquisas tem influência direta sobre as falhas nas correlações entre os vestígios que tendemos separar (lítico, cerâmica, fauna, etc), na salvaguarda (acondicionamento, conservação e documentação) e na comunicação (ações de

extroversão do conhecimento) (BRUNO, 2008, p. 146). Ou seja, a insuficiência de pesquisas curatoriais atrasa ou torna inexistente o desenvolvimento de sistemas de informações e planos de gestão de coleções – com evidente impacto sobre a produção de dados sólidos a partir de coleções arqueológicas e sobre sua preservação física e informacional para pesquisadores e demais setores da sociedade interessados. A relevância dessa discussão merece um espaço específico, diferente deste trabalho, para que possa ser apreciada considerando sua complexidade e as nuances teórico-metodológicas relacionadas ao tema. A despeito das particularidades relacionadas à gestão de coleções de remanescentes humanos, não deixamos de notar a centralidade dessa questão na explicação dos problemas e desafios relacionados à gestão mais ampla de coleções arqueológicas.

Por fim, é preciso olhar com atenção o fato de que “novos” atores estão se apresentando e demandando participação no processo de pesquisa de materiais arqueológicos. Diante de uma noção de arqueologia engajada, cuja existência está relacionada ao seu reconhecimento pela sociedade e não simplesmente aos nossos desejos profissionais, a concepção de um processo de diálogo é inevitável. Teremos que aprender a conversar e aceitar as decisões elaboradas em conjunto. Ademais, remanescentes humanos provocam reações diversas em pessoas, grupos e povos distintos, ainda mais quando estes estão nos quintais das casas ou são reconhecidos como ancestrais. A integração das diferentes perspectivas sobre os vestígios arqueológicos de natureza sensível faz parte da realidade dos arqueólogos e arqueólogas na região amazônica e os caminhos que encontraremos para o estabelecimento desses diálogos serão múltiplos, pois serão construídos com múltiplos parceiros a partir de contextos diversos, como é a própria Amazônia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALACHANDRAN, Sanchita. Among the dead and their possessions: a conservator's role in the death, life, and after life of human remains and their associated objects. *Journal of the American Institute for Conservation*, v. 48, p. 197-219, 2009.
- BALÉE, William. Historical ecology: premises and postulates. In: Balée, William (ed.) *Advances in historical ecology*, New York: Columbia University Press. 1998. p. 13-29.
- BARBOSA, Carlos Augusto P. As iconografias das urnas funerárias antropomorfas Maracá (Amapá) – A coleção Gruta das Caretas. *Revista de Arqueologia*, v. 24, n. 2, p. 140-143, 2011.
- BARRETO, Cristiana. *Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia Antiga*. 2009. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008
- BARRETO, Cristiana. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. *Revista USP*, v. 44, p. 32-51, 1999-2000.
- BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena Pinto; BETANCOURT, Carla J. (ed.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém (Pará/Brasil): IPHAN/Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016.
- BEZERRA, Ivone; SILVA, Hilton P. Tirando do pó: uma introdução metodológica sobre o tratamento de remanescentes ósseos humanos de origem arqueológica. *Revista de Arqueologia*, v. 22, n. 2, p. 121-135, 2009.
- BEZERRA, Marcia. Com os cacos no bolso: o colecionamento de artefatos arqueológicos na Amazônia brasileira. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 38, p. 85-99, 2018.
- BRUNO, Maria Cristina de Oliveira. Museus, identidades e patrimônio cultural. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, Suplemento 7, p. 145-151, 2008.
- BUIKSTRA, Jane E.; BECK, Lane A. (ed.) *Bioarchaeology: the contextual analysis of human remains*. Burlington (Massachusetts/EUA): Academic Press, 2006.
- BUIKSTRA, Jane E.; UBELAKER, Douglas H. *Standards for data collection from human skeletal remains: proceedings of a seminar at the Field Museum of Natural History*. Fayetteville (Arkansas/EUA): Arkansas Archaeological Survey, 1994.
- CABRAL, Mariana P. E se todos fossem arqueólogos? Experiências na Terra Indígena Wajãpi. *Anuário Antropológico*, n. II, p. 115-132, 2014.
- CASSMAN, Vicki; ODEGAARD, Nancy; POWELL, Joseph (ed.) *Human remains: guide for museums and academic institutions*. Lanham (Maryland/EUA): Altamira Press, 2007.
- COSTA, Ádrea G. M.; et al. *Contextos e práticas funerárias no Baixo Tapajós: um estudo dos sepultamentos em urna no sítio Paraná de Arau-é-pá*. 2015. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2015.
- DUDAY, Henri; COURTAUD, Patrice; CRUBEZY, Éric; SELLIER, Pascal; TILLIER, Anne-Marie. L'anthropologie "de terrain": reconnaissance et interprétation des gestes funeraires. *Bulletins et Mémoires de la Société d'anthropologie de Paris*, tomo 2, n. 3-4, p. 29-49, 1990.
- FAGAN, Brian M. Archaeology's Dirty Secret. *Archaeology*, v. 48, n. 4, p. 14-17, 1995.
- FONSECA, Diego B. Práticas funerárias no baixo rio tapajós, Amazônia. *Amazônica. Revista de Antropologia*, v. 10, n. 1, p. 298-326, 2018.
- FRONER, Yacy-Ara. *Tópicos em conservação preventiva – 8: Reserva Técnica*. Belo Horizonte (Minas Gerais/Brasil): LACICOR-EBA-UFGM, 2008.
- GAMBIN JÚNIOR., Avelino. *Corpo, Vida e Morte na Foz do Rio Amazonas: as estruturas funerárias do sítio Curiaú Mirim - I/AP*. 2016. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

- GAMBIM JÚNIOR, Avelino.; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia.; SALDANHA, João. D. M.; CABRAL, Mariana. P. Adornos, contas e pingentes na foz do Rio Amazonas: estudo de caso do sítio Curiaú-Mirim I. *Amazônia, Revista de Antropologia*, v. 10, n. 2, p. 638-673, 2018.
- GOELDI, Emílio A. Excavações archeologicas em 1895. 1ª parte: As cavernas funerarias Atificiaes dos indios hoje extinctos no rio Cunany (Goanany) e sua ceramica. *Série Memórias do Museu Goeldi. Museu Paraense Emílio Goeldi*, p. 1-43, 1905
- GORDON, Clarice C.; BUIKSTRA, Jane E. Soil pH, boné preservation, and sampling bias at mortuary sites. *American Antiquity*, v. 46, n. 3, 566-571, 1981.
- GUICHÓN, Ricardo. Construyendo preguntas em el caminha. Comunidades originarias y científicas. *Revista del Museo de Antropología*, v. 9, n. 2, p. 27-36, 2016.
- GUAPINDAIA, Vera. Práticas Funerárias Pré-históricas na Amazônia: as Urnas Maracá. *Margens/Márgenes*, v. 5, p. 36-49, 2004.
- HECKENBERGER, Michael J.; NEVES, Eduardo G.; PETERSEN, James B. De onde surgem os modelos? As origens e expansões Tupi na Amazônia Central. *Revista de Antropologia*, v. 41, n. 1, p. 69-96, 1998.
- HILBERT, Peter P. Contribuição a arqueologia do Amapá: Fase Aristé. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Antropologia)*, v. 1, p. 1-37, 1957.
- KERSEL, Morag M. Storage wars: solving the archaeological curation crisis? *Journal of Eastern Mediterranean Archaeology and Heritage Studies*, v. 3, n. 1, p. 42-54, 2015.
- KRUTA, Venceslas. Archéologie et numismatique: la phase initiale du monnayage celtique. *Études celtiques*, v. 19, n. 1, p. 69-82, 1982.
- LESSA, Andrea. Conceitos e métodos em curadoria de coleções osteológicas humanas. *Arquivos do Museu Nacional*, v. 68, n. 1-2, p. 3-16, 2011.
- LESSA, Andrea. Do pó que viemos ao pó que retornaremos: pontuando reflexões sobre preservação de remanescentes esqueléticos arqueológicos humanos. In: Campos, G. N.; Granato, M. (org.) *Preservação do Patrimônio arqueológico: desafios e estudos de caso*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2017. p. 233-252.
- McGOWAN, Gary S.; LaROCHE, Cheryl J. The ethical dilemma facing conservation: care and treatment of human skeletal remains and mortuary objects. *Journal of American Institute for Conservation*, v. 35, n. 2, p. 109-121, 1996.
- MEGGERS, Betty J.; EVANS, Cliffrod. Archaeological investigation at the mouth of the Amazon. *Smithsonian Institution Bulletin*, n. 167, p. 1-664, 1957.
- MEISTER, Nicolette B. A guide to the preventive care of archaeological collections. *Advances in Archaeological Practice*, v. 7, n. 3, p. 267-273, 2019.
- MENDONÇA DE SOUZA, Sheila. M. F. O silêncio bioarqueológico da Amazônia: entre o mito da diluição demográfica e o da diluição biológica na floresta tropical. In: Pereira, Edith; Guapindaia, Vera. (org.) *Arqueologia Amazônica 1*. Belém: MPEG, IPHAN, SECULT, 2010. p. 425-445.
- MENDONÇA DE SOUZA, Sheila M. F.; RODRIGUES-CARVALHO, Cláudia. Ossos no chão: para uma abordagem dos remanescentes humanos em campo. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Ciências Humanas)*, v. 8, n. 3, p. 551-566, 2013.
- MENDONÇA DE SOUZA, Sheila. M. F.; GUAPINDAIA, Vera; RODRIGUES-CARVALHO, Cláudia. A necrópole Maracá e os problemas interpretativos em um cemitério sem enterramentos. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Antropologia)*, v. 17, n. 2, p. 479-520, 2001.
- NEVES, Eduardo Góes. Não existe neolítico ao sul do equador: as primeiras cerâmicas da Amazônia e sua falta de relação com a agricultura. In: Barreto, Cristiana; Lima, Helena P. Lima;

- Betancourt, J.(org.). *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN/Museu Paraense Emilio Goeldi, 2016. p. 32-39.
- NEVES, Walter A. Uma proposta pragmática para cura e recuperação de esqueletos humanos de origem arqueológica. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia Emilio Goeldi*, v. 4, n. 1, p. 3-26, 1988.
- NICHOLAS, George P. Native peoples and archaeology. *Encyclopedia of archaeology*, v. 3, p. 1660-1669, 2008.
- PEARCE, Susan M. *Archaeological curatorship*. Smithsonian Institution Press, 1990.
- PEREIRA, Daiane. *Perspectivas da curadoria arqueológica: o caso do Laboratório de Arqueologia Peter Hilbert*. 2012. Monografia (Especialização em Patrimônio Arqueológico da Amazônia), Universidade do estado do Amapá, Macapá. 2012.
- PEREIRA, Daiane; CABRAL, Mariana P. *Guia de boas práticas do laboratório de arqueologia Peter Hilbert*. Macapá (Amapá/Brasil): NUPAR/IEPA, 2010.
- RAPP PY-DANIEL, Anne. *Arqueologia da morte no sítio Hatahara durante a fase Paredão*. 2009 Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009. doi: 10.11606/D.71.2009.tde-01022010-104205
- RAPP PY-DANIEL, Anne. *Os contextos funerários na Arqueologia da Calha do Rio Amazonas*. 2015. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015. doi: 10.11606/T.71.2015.tde-03062015-152650
- RAPP PY-DANIEL, Anne. Práticas funerárias na Amazônia: a morte, a diversidade e os locais de enterramento. *Habitus*, v. 14, n. 1, p. 87-106, 2016.
- ROCHA, Bruna. C.; JÁCOME, Camila.; STUCHI, Francisco. F.; MONGELÓ, Guilherme. Z.; VALLE, Raoni. Arqueologia pelas gentes: um manifesto. Constatações e posicionamentos críticos sobre a arqueologia brasileira. *Revista de Arqueologia*, v. 26, n. 1, p. 130-140, 2013.
- SALDANHA, João D. M.; CABRAL, Mariana. P. Projeto de Resgate Arqueológico na Cerâmica João de Barro, Macapá, AP – Relatório de Pesquisa. *Relatório Final de Campo*. Macapá, Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do estado do Amapá, 2012.
- SALDANHA, João D. M.; CABRAL, Mariana. P. O estuário do Amazonas revisitado: recentes pesquisas junto ao canal norte. *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico*, v. 25, n. 1, p. 194-235, 2016.
- SALDANHA, João D. M.; CABRAL, Mariana P.; NAZARÉ, Alan S.; LIMA, Jelly S.; SILVA, Michel B. F. da Os complexos cerâmicos do Amapá: proposta de uma nova sistematização. In: Barreto, Cristiana; Lima, Helena P. Lima; Betancourt, J.(org.). *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN/Museu Paraense Emilio Goeldi, 2016.
- SCHAAN, Denise P. Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além - e apesar - das fases e tradições. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi (Ciências Humanas)*, v. 2, n. 1, p. 77-89, 2007.
- SCHEUER, Louise; BLACK, Sue. *Developmental juvenile osteology*. San Diego (California/EUA): Elsevier Academic Press, 2000.
- SILVA, S. F. S. M; GHETTI, N. C.; SANTOS, C. R. B. Ensaio sobre preservação de materiais arqueológicos de natureza orgânica da RETEC-ARq da UFPE: remanescentes ósseos humanos. In: Campos, Guadalupe do Nascimento; Granato, Marcus (org.) *Anais do IV Seminário de Preservação de Patrimônio Arqueológico*. Rio de Janeiro: MAST, 2016. pp. 402-457.
- SILVEIRA, Maura. I.; de CASTRO Dutra, Vanessa; SILVA, Camila F. A.; de FARIAS Ferreira, Regina M., & JALLES, Cíntia. Coleções arqueológicas do Museu Paraense Emílio Goeldi-panorama da reserva técnica e os desafios da conservação. In: Campos, G. N.; Granato, M. (org.) *Preservação do Patrimônio arqueológico: desafios e estudos de caso*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2017. p. 169-191.

SIMÕES, Mário F. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica. *Acta Amazônica*, v. 7, n. 3, p. 297-300, 1977.

THE ROLE OF THE ARCHAEOLOGICAL EXCAVATION IN THE 21ST CENTURY. *Archaeological Dialogues*, v. 18, n. 1, p. 1-3, 2011. doi: 10.1017/S1380203811000031.

VOSS, Bárbara L. Curation as research. A case study in orphaned and underreported archaeological collections. *Archaeological Dialogues*, v. 19, n. 2, p. 145-169, 2012. doi: 10.1017/S1380203812000219

WESOLOWSKI, Verônica. 2014. The dance of the bones: concern and thoughts about curatorial care of skeletal series. *The 83rd Annual Meeting of the American Association of Physical Anthropologists*, Calgary, Canada.

WESOLOWSKI, Verônica. 2019. Coming back to light: curatorial recovery of old Human Remains Collections. *Paleopathology Association 8th Meeting in South America*, São Paulo, Brazil.

Sites consultados

<https://www.salsa-tipiti.org/pt/news/munduruku-reclaim-funerary-urns/>.

Acessado em: 22/02/2020.